

JONATHAS MAGALHÃES PEREIRA DA SILVA E LUIZ CARLOS DE MENEZES TOLEDO

O exercício de pensar a cidade imaginária

The exercise of thinking about the imaginary city

Jonathas Magalhães Pereira da Silva

Professor Titular e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PosUrb-Arq PUC-Campinas) e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Arquiteto Urbanista pela FAUUSP (1989). Mestre (1999) e Doutor (2005) em estruturas ambientais urbanas na FAUUSP. Co-líder do Grupo de Pesquisa Políticas Territoriais e a Água no Meio Urbano, cadastrado no CNPq. É Editor Chefe da Revista Oculum Ensaios - PUC-Campinas (desde 2019). Foi Presidente da ABAP entre 2011 e 2013. Atua como consultor na MPS associados onde destaca-se: coordenação do PDInfra-CSP-Unifesp - Plano Diretor de Infraestrutura do Campus São Paulo da UNIFESP (2016 a 2018); coordenação técnica do Plano Sócio-Espacial da Rocinha Rio de Janeiro (2007-2009); coordenação de 11 planos participativos da região serrana do Espírito Santo (2005-2006).

Full Professor and researcher of the Graduate Program in Architecture and Urbanism (PosUrb-Arq PUC-Campinas) and of the Faculty of Architecture and Urbanism at the Pontifical Catholic University of Campinas. Urbanist Architect at FAUUSP (1989). Master's degree (1999) and DsC. (2005) in Urban Environmental Structures at FAUUSP. Co-leader of the Research Group on Territorial Policies and Water in the Urban Environment, registered with CNPq. Editor of the journal Oculum Ensaios - PUC-Campinas (since 2019). President of ABAP from 2011 to 2013. Consultant at MPS Associates where he stands out: coordination of the PDInfra-CSP-Unifesp - Infrastructure Master Plan of the São Paulo Campus of UNIFESP (2016 to 2018); technical coordination of the Socio-Space Plan of Rocinha, Rio de Janeiro (2007-2009); coordination of 11 participatory plans in the mountain region of Espírito Santo (2005-2006).

jonathas.silva@puc-campinas.edu.br

Luiz Carlos De Menezes Toledo

Possui graduação em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1966), mestrado em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e doutorado em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Atua principalmente nos seguintes temas: arquitetura hospitalar, urbanismo, processo projetual e humanização. Venceu vários concursos nacionais de arquitetura organizados pelo IAB-RJ entre eles os dos projetos Rio Cidade, fases 1(1993) e 2 (1997); Concurso de Projetos de Ambientes e Mobiliário Urbano (1997); Concurso Público para o Centro de Convenções na área do Teleporto-Cidade

Nova-RJ (2002); Concurso Público Nacional de Ideias para Urbanização do Complexo da Rocinha (2006). Eleito Personalidade do Ano em 2005 na área de arquitetura hospitalar pelo Centro Universitário São Camilo e Profissional do Ano pelo Departamento do Rio de Janeiro do Instituto de Arquitetos do Brasil IAB-RJ em 2008.

Graduated in Architecture at the Federal University of Rio de Janeiro (1966), Master's degree in Architecture at the Federal University of Rio de Janeiro (2002) and doctorae in Architecture at the Federal University of Rio de Janeiro (2008). He works mainly on the themes: hospital architecture, urbanism, design process and humanization. Winner of national architecture competitions organized by IAB-RJ, such as Rio Cidade design, phase 1 (1993) and phase 2 (1997); Environmental Furniture and Urban Design Contest (1997); Public Tender for the Convention Center in the area of Teleporto-Cidade Nova-RJ (2002); National Public Competition for Ideas for Urbanization of the Rocinha Complex (2006). Personality of the Year in 2005 in the field of hospital architecture by Centro Universitário São Camilo and Professional of the Year by the Rio de Janeiro Department of the Institute of Architects of Brazil IAB-RJ in 2008.

toledo@mtarquitectura.com.br

Resumo

O presente texto dialoga com a realidade e a imaginação. Nos referimos ao livro de Ítalo Calvino, “As Cidades Invisíveis”, onde o escritor imagina o explorador veneziano, Marco Polo, tendo que descrever a Kublai Khan as maravilhas e agruras da vida nas cidade pertencentes a seu vasto império. Analisam-se as relações sociais de cada cidade imaginária trabalhada e mostra-se sua relação com as cidades contemporâneas e como ocorrem os focos de resistência e de transformação. Usa-se a fábula como método de problematizar questões complexas em uma linguagem que dialoga com o conhecimento científico construído e as artes da escrita e do desenho. O pensar e desenhar que ordenam o presente artigo foi cunhado nas pesquisas e atuações da prática profissional, na área da arquitetura e urbanismo. O refletir sobre a prática potencializou pensamentos que indagam o que ocorre no olhar do morador da Rocinha (RJ), de Moema ou Cidade Tiradentes (SP) ou de Jaci-Paraná (RN)? Essas cidades não serão tratadas pelo presente texto, entretanto a vivência dos autores desenvolvendo planos e projetos nestas localidades foram fundamentais para a reflexão aqui apresentada. O nosso olhar sobre as cidades brasileiras têm lentes culturais que nos cegam ou nos revelam outros mundos. Se a cidade é invisível, mais enigmática será sua sociedade. Pensar a sociedade é também descrever sua materialização na forma da urbe. Ou inventar uma materialização para se discutir a sociedade. Como resultado o presente artigo traz um hipotético antídoto para cada entrave encontrado. O modo indireto e lúdico de observar nossa histórica incapacidade humana de viver sem subjugar o outro proporciona aberturas para novos olhares onde a luta cotidiana ocorre. Cidade e tempo; real e imaginário.

Abstract

This text dialogues with reality and imagination. We refer to Ítalo Calvino's book, “The Invisible Cities”, where the writer imagines the Venetian explorer, Marco Polo, having to describe to Kublai Khan the wonders and hard-groups of life in the cities belonging to his vast empire. The social relations of each imaginary city are analyzed and seek to show its relationship with contemporary cities and how the foci of resistance and transformation occur. It uses fable as a method of problematizing complex issues in a language that dialogues with constructed scientific knowledge and the arts of writing and drawing. The thinking and drawing that follow and order this article was coined in the research and actions of professional practice, in the area of architecture and urbanism. The reflection on the practice form thoughts that ask: what happens in the look of the resident of Rocinha (RJ), or Moema, or Cidade Tiradentes (SP) or Jaci-Paraná (RN)? These cities will not be dealt with, however the experience of the authors developing plans and projects in these locations was fundamental for the reflection presented here. Our look at Brazilian cities have cultural lenses that blind us or reveal other worlds to us. If the city is invisible, the more enigmatic your society will be. To think of society is also to describe its materialization in the form of the city. Or invent a materialization to discuss society. As a result, this article brings a hypothetical antidote for every obstacle found. The indirect and playful way of observing our historical human inability to live without underjudging the other provides openings for new looks where everyday struggle takes place. City and time, real and imaginary.

Resumen

Este texto dialoga con la realidad y la imaginación. Nos referimos al libro de Italo Calvino, “Las ciudades invisibles”, donde el escritor imagina al explorador veneciano Marco Polo teniendo que describir a Kublai Khan las maravillas y penurias de la vida en las ciudades pertenecientes a su vasto imperio. Se analizan las relaciones sociales de cada ciudad imaginaria trabajada y se muestra su relación con las ciudades contemporáneas y cómo se producen los focos de resistencia y transformación. La fábula se utiliza como método para problematizar temas complejos en un lenguaje que dialoga con el conocimiento científico construido y las artes de la escritura y el dibujo. El pensamiento y el dibujo que ordenan este artículo fue acuñado en la investigación y realización de la práctica profesional en el área de la arquitectura y el urbanismo. Reflexionando sobre la práctica pensamientos potencializados que preguntan ¿qué pasa a los ojos del vecino de Rocinha (RJ), Moema o Cidade Tiradentes (SP) o Jaci-Paraná (RN)? Estas ciudades no serán tratadas en este texto, sin embargo, la experiencia de los autores desarrollando planes y proyectos en estas localidades fue fundamental para la reflexión aquí presentada. Nuestra visión de las ciudades brasileñas tiene lentes culturales que nos ciegan o revelan otros mundos. Si la ciudad es invisible, más enigmática será su sociedad. Pensar en la sociedad es también describir su materialización en la forma de la ciudad. O inventar una materialización para hablar de sociedad. Como resultado, este artículo presenta un antídoto hipotético para cada obstáculo encontrado. La forma indirecta y lúdica de observar nuestra histórica incapacidad humana para vivir sin subyugar al otro abre la puerta a nuevas perspectivas donde se desarrolla la lucha diaria. Ciudad y hora; real e imaginario.

Introdução*

* Os autores trabalharam no presente texto constituído de escrita e desenhos (parte-se do princípio que o desenho é um texto). Entretanto, Toledo nega qualquer responsabilidade com as palavras utilizadas e Jonathan nega qualquer envolvimento com os riscos, formas e cores.

Então resolvemos escrever. Já não é segredo. Sonhamos com algo que nunca existiu. Inovação já! Algo que transcenda as fronteiras. Internacionalização já!¹ O pensar e desenhar que ordena o presente artigo foi cunhado nas pesquisas e atuações da prática profissional, na área da arquitetura e urbanismo. O refletir sobre a prática induz pensamentos que indagam o que ocorre no olhar do morador da Rocinha (RJ), de Moema ou Cidade Tiradentes (SP)² ou de Jaci-Paraná (RN), ou de Parauapebas (PA), ou Marechal Floriano (ES)? Essas cidades não serão tratadas pelo presente texto, entretanto a vivência dos autores desenvolvendo planos e projetos nestas localidades foram fundamentais para a reflexão aqui apresentada. O nosso olhar sobre as cidades brasileira têm lentes culturais que nos cegam ou nos revelam outros mundos. Se a cidade é invisível, mais enigmática será sua sociedade. Pensar a sociedade é também descrever sua materialização na forma da urbe. Ou inventar uma materialização para se discutir a sociedade.

Se no campo social os diferentes capitais e hábitos vão tecendo o mapa e a posição de cada olhar e “olhador”, então a cidade e suas estruturas sociais materializam as relações (BOURDIEU, 1996). Falamos então de cidades multifacetadas. No espaço e no tempo. Cidades que apaixonam os desavisados que não entendem nem enxergam as correntes que estão ali, logo à frente de seus olhos. Cidade estruturada por correntes que puxam e prendem impedindo movimentos bruscos. Cidades são lentas. Sociedades feitas de rupturas. Cria-se a ideia de periodização:

Na cidade atual, essa ideia de periodização é ainda presente; é presente nas cidades que encontramos ao longo da História, porque cada uma delas nasce com características próprias, ligadas às necessidades e possibilidades da época, e é presente no presente, à medida que o espaço é formado pelo menos de dois elementos: a materialidade e as relações sociais. A materialidade, que é uma adição do passado e do presente, porque está presente diante de nós, mas nos traz o passado através das formas: basta passear por uma cidade, qualquer que seja, e nos defrontaremos nela, em sua paisagem, com aspectos que foram criados, que foram estabelecidos em momentos que não estão mais presentes, que foram presentes no passado, portanto atuais naquele passado, e com o presente do presente, nos edifícios que acabam de ser concluídos, esse presente que escapa de nossas mãos. Na realidade, a paisagem é toda ela passado, porque o presente que escapa de nossas mãos, já é passado também. Então, a cidade nos traz, através de sua materialidade, que é um dado fundamental da compreensão do espaço, essa presença dos tempos que se foram e que permanecem através das formas e objetos que são também representativos de técnicas. (SANTOS, 2001, p.21)

É tudo simultaneidade. No espaço urbano estão presentes todas as diferentes maneiras de uso da temporalidade. Cidade como um entremeio entre o mundo e os indivíduos (SANTOS, 2006).

E se tudo for mentira? Um passado inventado? Tudo sonhado por um explorador veneziano? Pior! E se isso tudo fosse um devaneio de um escritor em pleno século vinte? Nos referimos ao livro de Ítalo Calvino, As Cidades Invisíveis, publicado em 1990, onde o escritor imagina o explorador veneziano, Marco Polo, tendo que descrever ao imperador Kublai Khan as maravilhas e agruras da vida nas cidades pertencentes a seu vasto império (CALVINO, 1990).

1 Cabe alertar ao leitor que se trata de uma ironia frente a pressão que vem ocorrendo na academia pela “internacionalização” e pela “inovação”. Entende-se que a construção do conhecimento é por si só inventiva e de que o diálogo com outras terras, outros mundos é fundamental, entretanto devemos ter cuidado em como medir os esforços das ciências, principalmente em se tratando das ciências sociais aplicadas.

2 Cidades e Bairros onde os autores desenvolveram projetos urbanos em intenso diálogo com moradores e técnicos locais.

O que essas cidades nos ensinam? O que nos importa refletir a respeito delas? De que vale o exercício de materializa-las em desenhos? Cabe ao leitor do presente texto imagético responder, caso resista ao incomodo modo indireto de tentar observar nossa histórica incapacidade humana de viver sem subjugar o outro. Cidade e tempo; fatos reais e imaginários.

O que Ítalo Calvino não contou em seu livro é que Kublai Kan ficou incomodado com as descrições do veneziano e resolveu encomendar uma pesquisa empírica para verificar se era possível inverter os valores daquelas sociedades e consequentemente repensar a cidade. Após concorrermos e sermos agraciados pela agência de fomento do grande império Mongol fomos chamados para uma reunião de início junto ao Imperador e o veneziano. Na reunião é feita, pelo próprio imperador, uma encomenda: achar um antídoto para cada cidade descrita por Marco Polo. Localizamos as cidades por meio de um grande mapa imaginário. Passagens arranjadas. Viagem feita. A pesquisa inicia.³

Nunca não é Carnaval⁴

Tem som que sem palavra fala. Tem luz que escurece quanto mais brilha. Tem voz que pouco diz. Vida sentida de significar o que não se percebe, nem se vê, nem se diz. Um dia a infância voltará a ser presente. Então não haverá a distância entre os diferentes. Preso ontem. Que se conte os dias. Findada a pena não haverá mundo, nem continente nem país que se possa a ir.

Cléo é descrita por Marco Polo como a cidade grande onde as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem, não se falam, não se tocam, não se olham. Cada olhar uma ilha. Universos Isolados. Surge um problema metodológico: como investigar essa cidade onde seus moradores não se reconhecem?

Logo percebemos que ali a materialidade falava mais alto. Os edifícios não eram apenas funcionais: moradia, comércio e escritórios. A arquitetura falava com os moradores, ou melhor, pelos moradores. As roupas estabeleciam onde o indivíduo era bem vindo. O perfume e sotaque ditavam em quem se podia confiar. Signos impregnavam a cidade necessitando uma tradução de seus significados (FERRARA, 1988).

A falta de olhares fazia trabalhar a imaginação. Marco Polo em sua descrição dizia que havia ali um contido de “encontros, seduções, abraços, orgias sem que se troque uma palavra” (CALVINO, 1990, p. 53). Tudo prestes a explodir.

Começamos a desconfiar da nossa capacidade de desenvolver aquele trabalho encomendado pelo Khan. As dificuldades eram muitas, pois, sem que as pessoas nos notassem, e sem termos tido a oportunidade de passado pelo comitê de ética, as entrevistas seriam impraticáveis. Contando com nossa intuição partimos para um método fenomenológico onde o objeto de conhecimento não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito. Realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações (BICUDO, 1994).

Passamos a imaginar o que aconteceria com aquela sociedade se uma vez ao ano as ruas fossem invadidas por blocos de carnaval. O que seria essa ocupação da rua? Extravasamento de uma sociedade contida por costumes outros. As ruas se

3 Cabe deixar claro que se trata de uma ironia frente ao desmonte que a pesquisa vem sofrendo no país, onde um financiamento científico para as ciências sociais aplicadas seria mais provável numa suposta agência Mongol de apoio à pesquisa. Seguimos apenas com o apoio das instituições onde os autores estão ligados.

4 Título do Disco do Grupo Charanga do França, lançado na segunda feira de carnaval de 2021 como uma forma de ocupar a rua sem sair de casa por conta da pandemia (Covid19). Disponível em: <https://open.spotify.com/album/0Guc02dMEeCjZmZmFbSfow?si=2TTSTaXcRqu4GjJjowEA6A>

transformariam. Não sobraria, pelo menos enquanto durasse, nada daquilo descrito por Marco Polo ao imperador Mongol.

Se ocupar a rua é um ato transgressivo e político que questiona costumes e a ordem estabelecida, então o antídoto para essa cidade imaginária é o carnaval de Cloé.



FIGURA 1 - CLOÉ.

Fonte: Luiz Carlos Toledo
presentado a Fernando.

A Cidade na Trama de um Tapete

A cidade que se espelha na trama de um tapete na qual ela mesma se esconde. Cidade universo, berço do coletivo sem instituições. Entender Eudóxia é desvendar a cartografia do tapete. Outra realidade exige outro método. Aqui passamos a dialogar com o inclassificável Guy-Ernest Debord (1931-1994), fundador da Internacional Situacionista, na busca de romper as solicitações habituais (JACQUES, 2003). Como redescobrir o casual, o desimportante, o habitual, o comum? Não há como

compreender as cidades sem mapear suas afetividades.

Quem é você, caro colega arquiteto urbanista, que sem dialogar com as afetividades do universo tenta intervir no território de Eudóxia? Cabe tratar do que nosso mestre Carlos Nelson Ferreira dos Santos já sabia: trabalhar com o outro exige estar disposto a, constantemente, rever as nossas certezas.

É como se você fosse andando, muito decidido, por um caminho reto e, aos poucos, fosse percebendo que ele ia se estreitando, mudando de características e virando um beco. Aí você acabava dando de cara com uma parede. As suas opções seriam: 1) — ficar parado, olhando para o obstáculo sem entender nada, desesperado e desanimado; 2) — esmurrá-lo na esperança de derrubá-lo a socos; 3) — declarar que só continuaria a andar quando chegasse o dia certo em que todas as barreiras cairiam e todos os caminhos passariam a ser livres e sem empecilhos e consolar-se com a ideia; finalmente, você poderia 4) — dar meia-volta, olhar na direção oposta e pensar — aqui começa tudo de novo. A última alternativa parece a mais simples. De fato não o é. Todos os fins trazem, implícito e embutido, um começo. Só que, para reconhecê-lo, é preciso dar uma virada completa com a cabeça. (SANTOS, 1980, p. 37)



FIGURA 2 – Eudóxia

Fonte: Luiz Carlos Toledo
presenteado a André.

O universo se camufla a cada olhar. Não há trama deste tapete que possa ser desvendado sem romper a organizada sociedade. Caminhar em outra métrica. O antídoto seriam os mapas psicogeográficos que nos ajudariam a desmontar a espetacularização da ordem impregnada no tapete-universo.

A cidade que nunca é, poderia ter sido, se não deixasse de ser

Chegamos a Fedóra já tarde da noite. Impacientes ficamos muito tempo a observá-la. A relação de suas construções de pedra dominava a paisagem. O equilíbrio das proporções revelava o potencial de transformá-la em uma cidade modelo. Entretanto tudo ali era efêmero. No dia seguinte tudo se transformara. A cidade parecia ter se alterado completamente. Já era outra. Já não havia cabimento para as ideias de ontem.

Logo percebemos que a postura positivista em que o pesquisador deve ser neutro frente a seu objeto de análise de nada serviria (GIL, 2008). Partimos então para adotar o método de Pesquisa-Participante por entendermos que mais do que a transformação em si era vital identificar as mudanças que ocorrem nos moradores ou visitantes frente ao impacto do constante desterramento do sujeito de seu território, que logo em outra coisa se transformava.

Na cabeça de cada um havia uma cidade possível, mas, enquanto isso, a cidade real se transformava rapidamente. O universo não existe sem o tempo. Fedóra dependia deste tempo para ser o que era. Parte-se para uma análise morfológica, entretanto, considerando o dinamismo da transformação urbana de Fedóra a análise morfológica não se inicia pelo reconhecimento das áreas homogêneas, isto é, as ditas "regiões morfológicas" preconizadas por M. R. G. Conzen (WHITEHAND, 2001), mas sim pela identificação de sua dinâmica de transformação.

O termo "morfologia" utiliza-se para designar o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto. É a ciência que estuda as formas interligando-as com os fenômenos que lhe deram origem. (LAMAS, 2004, p. 37)

FIGURA 3 – Fedóra

Fonte: Luiz Carlos Toledo.



Identificar os fenômenos que dão origem às transformações poderia dar uma pista de qual seria o antídoto. Ao mudar o fenômeno transmuta a realidade. Todo fenômeno urbano tem dono, tem agente por trás. Finalmente, cabe perguntar: a quem serve essas ininterruptas transformações?

A cidade como desejo e memória

Longe das redes de cidades está Isidóra. Lá só se chega após atravessar grandes extensões rurais. Não se sabe como e porque surgiu, mas lá todos sonham. Para muitos as Cidades são os locais onde se pode concretizar a mudança no rumo da vida. São tantos os recomeços que ocorrem em nossas cidades. São tantas as decepções frente a crueza da sociedade que engendra o cidadão urbano.

FIGURA 4 – Isidóra.

Fonte: Luiz Carlos Toledo, apresentado à Luciana.



A cidade vira palco onde é possível escrever uma nova peça, onde o desejo de quem chega é de se colocar como ator, que pode e deve assumir um novo personagem. A capacidade de se reinventar transforma o ser e o concreto. É o sonho que brota na esfera inconsciente e projeta uma ação no consciente. Passamos aqui a dialogar com o romeno Jacob Levy Moreno, o criador do Psicodrama, que questionava em um de seus livros: Quem Sobreviverá? Entre o desejo e a ação, entre o inconsciente e o consciente constrói-se a possibilidade da vida e, para nós, a possibilidade da cidade, da vida social e urbana.

O problema não consiste em abandonar o mundo da fantasia em favor do mundo da realidade ou vice-versa, o que é praticamente impossível; trata-se, todavia, de estabelecer meios que permitam ao indivíduo ganhar completo domínio da situação, vivendo em ambos os caminhos, mas capaz de transferir-se de um a outro. (MORENO, 1993, p. 78)

O muro, descrito pelo veneziano Marco Polo (1254 –1324), era na realidade um psicodrama sem direção. Aqui o antídoto demandaria uma visão de longo prazo aguardando, por mais cinco séculos, a chegada de Moreno (1889 – 1974) para fortalecer os grupos e os desejos coletivos.

A insegurança presente na urbe

Ver alguém agredindo, presenciar injustiças, racismo, machismo, homofobia desperta algo irracional. Dizemos irracional pois a reação vem antes de qualquer pensamento. Já nos colocamos a frente, já subiram uns cinco improperios pela garganta e assim entramos no jogo deles! Briga, raiva, fomento ao ódio e a polarização. Nunca o amor precisou de tanta racionalidade! O contraditório está posto!

Quando a cidade inteira se encontra no ar, sustentada por fios, correntes e passarelas dos picos vizinhos. Quando o abismo está em qualquer canto. Quando o passo inserto pode acabar com a vida. Otávia tem semelhanças com as áreas periféricas e vulneráveis onde a vida do sujeito está constantemente ameaçada pela violência fruto da má distribuição da renda e das oportunidades onde alguns são mais cidadãos que outros, onde as leis não são para todos (SCHWARZ, 2014).

Dependendo da renda, da cor da pele, da opção de gênero, o acaso vem cobrar mais atenção e ameaçar qualquer desatenção ou suposto desvio. Onde um observador desavisado diria existir uma “ordem natural” das coisas, como afirma Emicida se referindo ao sol: “é o astro rei, ok, mas vem depois!”⁵ referindo-se a que o sol levante depois do início da jornada de trabalho da classe trabalhadora que frente às miseráveis rendas são empurradas para as periferias desprovidas de infraestrutura e serviços urbanos. Ali sabe-se que qualquer passo em falso o abismo de Otávia logo se anuncia.

O antídoto de Otávia não passa apenas pela mudança espacial e sim pela total revisão dos valores e disputas. Isso só é possível com ciência e educação. Aparentemente em Otávia, assim como no Brasil, “a crise da educação ... não é uma crise; é um projeto”⁶ logo seria necessário reinventar um novo projeto, um novo mundo.

⁵ Música “A Ordem Natural das Coisas” de Emicida e MC Tha acessível em: <https://open.spotify.com/track/7MK6sYlWniVj8D1mrAAIwb?si=jDQAUtDuTMGGifmJSMakmQ>

⁶ Frase original: “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto dita por Darcy Ribeiro em 1977 em sua conferência durante uma reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) na PUC-SP.



FIGURA 5 – Otávia

Fonte: Luiz Carlos Toledo,
presenteado à Bia.

Lembrança individual e diversa criam cidades de uma só cidade

A memória é o produto dessa cidade. Cada um que a visita tem uma imagem, uma cena, uma lembrança. As cidades se constituem de lembranças. Reminiscências são distorções de fatos ou pontos de vistas. Uma mesma cidade mas cada um leva diferentes lembranças e identidades.

Notem que não se trata da identidade cultural multifacetada da pós-modernidade apreendida por Stuart Hall (HALL, 2006). Trata-se de uma cidade do meados do século XIII. A Cidade sonho, fruto no nosso olhar, atravessou os tempos e encontra-se nas reminiscências de cada visitante ou cidadão.

É só lembrar de qualquer cidade que o leitor já visitou. A primeira imagem será de uma esquina, uma fruta, um sorriso, um cruzamento, um largo, uma rua, um aroma,

uma comida, uma cor. Cada objeto ganha sentido em uma ação afetiva, violenta, recorrente, única. Objeto e ação dotado de significado. Cultura urbana. Paisagem.



FIGURA 6 – Zirma

Fonte: Luiz Carlos Toledo, apresentado à Janot.

Aqui o antídoto não é necessário e a descrição de Marco Polo é totalmente irrelevante. Aquele foi um ponto de vista de um veneziano. A cidade era maior e guardava diferentes apetites e cores, para outros diálogos com culturas diversas. As diferentes opiniões reconhecem traços comuns mas divergem quanto ao grau de importância. Cidade é desigual. Ali as oportunidades são limitadas, não são para todos.

Talvez esta fosse a cidade mais comum de todas. Nada mais do que uma construção de cidade que ocorre na mente, mas se manifesta para cada um de uma maneira diferentes. Em nossa pesquisa não chegamos a nenhum antídoto pois não tínhamos a mesma visão. Explicar isso ao Kant seria terrível. As vezes na pesquisa o caminhar é mais importante que o resultado imediato.

Sem tocar no mundo

E se tudo não iniciasse do solo. Sem ter que tirar dali a vegetação. Viver sem incomodar. O que fazer quando não se tem mais cabimento? Nada além. Quando o novo é revelado já tomou-se outro rumo, outra vida. O que fazer quando não se tem mais senso? Nada ficou. Quando o velho ainda preserva. Ainda permanece. Aquela mesma história. O que fazer quando não se tem mais sofrimento? Tudo passa. Quando a luz já não mais incomoda. Ainda pisca. Nada ilumina.

FIGURA 7 – Sem Informação

Fonte: Luiz Carlos Toledo.



Refugiado somos todos nós. O conhecimento da história das cidades é falho pela imperfeita comunicação das lutas e de suas consequências. Os medos apagaram marcas que o tempo deixou em opacos objetos. Contexto de cada geração a provocar encaminhamentos. Necessidades transformadas em ação e silêncio. Medo do futuro? Do passado? Não. Amarrado ao seu tempo, sonhos são alterados. Busca-se a alegria da ação que revela sua verdadeira história conjugado a um parco conhecimento. Somos todos imigrantes neste planeta terra.

Nesta cidade sem informação foi lançada a Semente. Formada de poder e paixão. daquelas que vem para transformar. No silêncio e anonimato é feita a revolução. Estrategicamente plantadas por nosso território. Paisagens serão transformadas. Vidas vividas. Essa nem de chuva precisa. Ela chega com raízes feitas prontas para sorver o que há de bom. Água garantida pelas conexões. Incansáveis. Somos muitos. Quem nos preside nunca irá entender. Melhor nem tentar explicar.

Intolerância e armas! Pólvora e pavio! Existem fatos do mundo que cabem nas fábulas que nos explicam as razões e afetividades do mundo. Então seguimos: Ali estava em terras de seu Orlando, moço alto e forte que nos causava certa cautela. Subia e descia as escadas nesta cidade de vários níveis. Quando éramos ainda criança ele já era homem feito. Voz grossa, de cobrar respeito. Andava por aqueles becos e vielas a pedir ajuda no entendimento das coisas. Tudo para ele era estranho. Não conseguia imaginar para onde muitos iam durante o dia, nem porque voltavam só no entardecer. Talvez em memória aos tempos de fome sempre pedia mais pão do que poderia comer. Todos o conheciam. Alguns lhe tinham carinho, outros o destratavam pela sua condição, mas invariavelmente o ajudavam nisso ou naquilo. Seu Orlando não fazia diferença no tratamento. Chegava perto de qualquer sujeito, desconhecendo seu porte e sua voz, para solicitar a ajuda necessária que o orgulho as vezes nos impede de pedir. Sim ou não! Sorridente ou assustado! Não importava! Não destratava ninguém. Abria um sorriso enorme e seguia seu caminho! Impossível esquecer aquele sorriso! A cidade o acolhia apesar da violência das drogas e das disputas pela vida. Para ele eram todos meninos e meninas buscando entender a vida. Ele vivia à sua maneira. A rua era sua casa, lugar dos encontros, lugar do olhar que acolhe diferenças. A anciã da cidade sempre me dizia que tinha esperança naquela gente por conta da forma que lidavam com seu Orlando. A princípio ninguém entendia aquela fala. Que valor ela via nisso? Já meio velha achavam que estava ficando lelé. Mas para compreender a vida basta viver. Mudaram-se os tempos. Veio a intolerância e as armas. Pavio e pólvora! Cadê seu Orlando? perguntavam!

Caro leitor, o mundo mudou e a escrita não poderá ser a mesma. A representação do mundo não poderá ser linear. A história deverá ser recontada. Aqui não cabe antídoto. Aqui reside o desafio da invenção de uma cidade outra contada pela voz dos oprimidos, dos invisíveis. Não eram as cidades invisíveis eram suas populações, ou ao menos, grande parte dela. Ciências Sociais Aplicadas nos alimenta com um outro mundo, que sempre existiu, mas nunca foi contado. Nos diferentes lugares de fala a cegueira é curada a medida que se dá visibilidade à multiplicidade de vozes de grupos até então marginalizados (RIBEIRO, 2017).

Redesenhar a cidade para além de outra vida social

Que consideração final que nada! Que conclusão se tem além da revolucionária arte de ser? Esse sub-título antes “considerações finais”, ganha alma, então pode falar.⁷

⁷ A mudança do sub-título foi provocada pela leitura sensível do Prof. Dr. Denio Munia Benfatti. Nos veremos no carnaval de Cloé!!!

Cidades são antes de tudo o desejo pela sobrevivência. Proteção que aprisiona. Nada desculpa. Não há cidade sem transgressão. A urbe é o local onde contraditoriamente o indivíduo se isola até perceber-se imerso num universo coletivo. Nada caminha, nada se transforma inconsequentemente.

Em Cloé é o carnaval, sistema coletivo, que se mostra como antídoto para quebrar as individualidades. Em Dioclésia é o mapa psicogeográfico que garante a redescoberta da identidade do sujeito. Em Fedóra o tempo importa mais que a concretude da pedra pois a identidade coletiva está em constante transformação. Em Isidóra a esperança de ser outro personagem de uma outra vida. Tem a cidade como o sonho de escrever uma nova peça para um palco nu. Em Otávia sabe-se que tudo pode terminar a qualquer instante, cidade periférica onde um passo mal dado custa a vida. O antídoto é a revisão dos valores e disputas. De Zirna cada um traz uma memória que depende da cultura e história de vida na qual o observador está envolto. Ali cabe deslocar as identidades individuais para as coletivas. Ali o antídoto era irrelevante.

Todas as cidades invisíveis são sentidas na vida da cidade real, sem informações. A dicotomia entre o individualismo e o coletivo. A identidade como princípio organizador de grupos que se transformam gerando múltiplas identidades. O desejo de acessar as benesses da cidade e poder recomeçar a vida. O medo e a insegurança de nunca conseguir esse acesso e ficar sempre a margem. As lembranças que cada um de nós carregamos da cidade de forma a criar em nossas mentes outras cidades invisíveis. O inominável mundo do futuro, onde a história revista sobre outros olhares permitirá redesenhar a cidade, para além de outra vida social.

Referências

- BICUDO, M. A. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M.; ESPOSITO, V. (ORGS. . (Ed.). . **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. 1a. ed. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1994. p. p, 15-22.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 9a Edição ed. Campinas: [s.n.].
- CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FERRARA, L. D. **Ver a Cidade: cidade, imagem, leitura**. 1o. ed. São Paulo: Nobel, 1988.
- GIL, A. C. **Metodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.
- JACQUES, P. B. Breve histórico da Internacional Situacionista – IS. **Arquitextos**, v. 035.05, 2003.
- LAMAS, J. M. R. G. (JOSÉ M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 1. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2004.
- MORENO, J. L. **Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama**. Goiania: Dimensão Editora, 1993.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SANTOS, C. N. F. DOS. Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo? In: VELHO, G. ET AL. (Ed.). . **O Desafio da Cidade**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1980. p. 37–57.
- SANTOS, M. **O tempo nas cidades**. Coleção Do ed. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2001.

SANTOS, M. A. **Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHWARZ, R. **As ideias fora do lugar: ensaios selecionados**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O **CADERNOS PROARQ (issn 2675-0392)** é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em: 14/12/2020

Aprovado em: 11/03/2021